

Começou a guerra dos credores contra Zélia

A forma de tratamento que os banqueiros e executivos de negócios americanos usaram com frequência no início desta semana em Washington e Nova York ao dirigir-se à ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello — “Madame Minister” —, sugere respeito e finesse. Engana-se, contudo, quem tomar a expressão elegante como um sinal de consideração especial pela ministra. Zélia e sua equipe estarão agora sob fogo crescente dos credores externos.

A indicação que ela deu aos banqueiros com quem conversou em Nova York, sobre a intenção do governo de alterar o ritual tradicional das negociações e iniciar os entendimentos, desta vez, em Brasília, surpreendeu e irritou os credores. O representante de um dos maiores credores do País colocou em questão a competência da ministra da Economia e de seus assessores. “Eles não sabem o que querem nem o que estão fazendo. Não têm experiência de mercado, estão confiando em pessoas desatualizadas e aconselham mal o presidente Collor”, disparou o executivo.

Críticas parecidas ajudaram a solapar o ex-ministro da Fazenda, Dílson Funaro, após a decretação da primeira moratória da dívida, em 1987. Uma diferença crucial entre a situação de 1987 e a de agora influencia, contudo, os cálculos e as ações dos banqueiros americanos em relação ao governo Collor. O governo de Washington, que considerava Funaro anátema e fez tudo o que pôde para isolá-lo e apressar sua queda, parece gostar de Zélia e mantém uma clara disposição de apoio ao programa de reforma econômica que ela está conduzindo. Um exemplo disso foi a decisão da Casa Branca de antecipar o encerramento formal da investigação iniciada contra o Brasil, no ano passado, sob a seção “super 301” de sua lei de comércio, e anunciá-la durante a visita da ministra a Washington, no início da semana. A divulgação da notícia foi determinada pelo desejo de ajudar politicamente Zélia no momento em que ela estava sob fogo cerra-



Arquivo/AE

Zélia, ou “madame minister”, para os credores.

do em casa, depois de uma péssima semana..

É porque sabem disso — e continuam a ter esperança de receber um pagamento de juros em junho, a tempo de afastar o risco de “write offs” de uma parte de seus ativos brasileiros, por ordem das autoridades financeiras federais — que a maioria dos grandes bancos americanos procuraram, até agora, ser diplomáticos ao manifestar sua preocupação e contrariedade com os rumos da negociação com o Brasil.

Quanto à “madame minister”, se já não sabia, ela descobriu, há duas semanas, que na difícil queda-de-braço que começou a jogar com os bancos internacionais o tratamento normalmente reservado às “ladies” não faz parte das regras. Um exemplo: no domingo, 6 de maio, Zélia tinha um encontro com John Reed, presidente do Citibank, que pedira para vê-la. Mas apareceu em seu lugar o presidente dos bancos credores, William Rhodes, executivo do Citi. Foi recebido, porém, pelo negociador da dívida, embaixador Jório Dauster.

Paulo Sotero, de Washington

Outra má notícia para o Citicorp

Duas semanas depois de ter a classificação de alguns de seus papéis rebaixada pela Standard & Pôors, o Citicorp, maior banco dos EUA e principal credor privado do Brasil, recebeu mais uma má notícia: também o Moody's Investor Service, empresa especializada na avaliação de títulos financeiros, reclassificou várias de suas emissões da dívida comercial, citando como causa da decisão o baixo nível de reservas e capital do banco, bem como o crescente número de empréstimos inadimplentes. O Citicorp lamentou o gesto do Moody's numa nota onde afirma que a reclassificação não deverá afetar seu custos de captação de dinheiro e que seus títulos de longo prazo representam apenas 2% dos fundos de que dispõe. Contudo, no final do ano passado, apenas 6,6% dos seus empréstimos não estavam atrasados mais de 90 dias. E as reservas cobriam só 44% dos créditos com problemas.